

José Ferreira Carrato

Após 1745, quando se criou o Bispado de São Paulo, surgiram os Seminários paulistanos. O primeiro, do bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira, e o segundo, fundado pelo jesuíta João Honorato, ainda foram contemporâneos do Pátio do Colégio anchietano, que o governo régio fechou em 1759, com a dramática expulsão da Companhia, narrada pelo cronista José Caeiro.

Sentindo a necessidade de funcionários "que tivessem letra", absolutamente escassos pela falta de escolas na Capitania, o Governador Morgado de Mateus abriu em 1768 uma escola destinada a prepará-los, adotando os Estatutos para o Mestre de Meninos, em que se recomendava que tivessem as obras Educação de um Menino Nobre e as Obrigações Cívicas, para que pudessem inspirar nos meninos "as boas inclinações e o verdadeiro merecimento do Homem". O mesmo Morgado de Mateus criou logo em seguida uma Aula de Geometria, que não floresceu, dado o pouco interesse do povo pelos estudos, coisa muito comum naquele tempo, não apenas em São Paulo, mas em todo o Brasil, onde eram numerosas as escolas sem frequência.

Assumindo o Bispado em 1777, D. Frei Manuel da Ressurreição, homem erudito, que teve a maior Biblioteca de São Paulo colonial, reabriu em seu palácio o Seminário. Foi ele mesmo professor e cercou-se dos elementos que pôde para levar avante o estabelecimento. Os próprios ataques do Governador Martim Lopes Lobo de Saldanha fazem luz, surpreendentemente, sobre os méritos da obra educacional do terceiro prelado paulitano, que o acadêmico Manuel Inácio da Silva Alvarenga enaltece devidamente. Sairão do Seminário de Frei Ressurreição diversos licenciados de valor, dentre os quais se destacam os irmãos curitibanos João e Francisco Gonçalves de Lima, aquele excelente pastor de almas e o segundo apaziguador dos índios bravios dos sertões do Guarapuava; Lourenço Justiniano Ferreira e Antonio Pacheco da Silva, altos funcionários da administração de D. Mathaus de Abreus Pereria; e outros mais.

Que perduraram os frutos da civilizadora do Seminário de D. Ressurreição comprova-o a "Academia" elaborada por mais de uma dezena de cultores de prosa e verso, uma poliantéia oferecida ao Governador Bernardo José de Lorena, quando se despediu de São Paulo, em 1797. Entre os autores dessa "Academia" merece menção especial o mestre-escola André da Silva Gomes, injustamente esquecido. Aliás, nos primeiros anos do séc. XIX, foi Silva Gomes a figura mais importante do ensino régio em São Paulo, guardando-se no Arquivo do Estado os minuciosos relatórios de sua ação fiscalizadora junto às escolas da Capitania. Então, foram delas professores, entre outros, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Diogo Antonio Feijó, Frei Francisco de Montalverne e o notável Pe. Jesuino de Monte Carmelo. Consta o viajante e cientista von Martius que nos cursos de Filosofia, que existiram em São Paulo às vésperas da Independência, tomou incremento a obra de Kant.

Nos dias da Independência, floresceu a escola mútua e o método lancasteriano tomou conta do Brasil. Em São Paulo, estava na moda, quando se criou, em 11 de agosto de 1827, o Curso Jurídico do Largo de São Francisco.

1º Congresso de História de São Paulo

Julho 1972

CMP 21.10.5.11